

## MAIS RUINAS

Eugênia Menezes

Antes de tudo é preciso esclarecer a estranheza do título. O ano passado eu lhes apresentei um trabalho intitulado *Ruínas*, onde eram registradas impressões de crianças ao enfrentarem situações inesperadas, em geral envolvendo desordem, moradas antigas e outras excentricidades. O texto a seguir tem o mesmo clima, daí sua nomeação. Não é uma estória em quatro mini-capítulos, mas quatro flashes independentes onde os fatos deixam de ser vistos com a perplexidade da infância e refletem, às vezes, uma certa malícia do narrador.

### Os Dinossauros

Já lhes apresentei algumas das muitas ruínas de minha infância. Foram, quase sempre, experiências coletivas, vividas com companheiros de trela e que, anos mais tarde, reviveríamos por outros prismas, rindo às vezes de nossos medos, descobertas, ousadas e covardias.

A questão das ruínas, contudo, não se esgotou, tanto que lhes trago hoje mais algumas, a começar por minha mudança para o Recife, o que ainda hoje considero uma das maiores violências de minha vida. Certamente por tanto desentender as diferenças entre o mundo rural e o urbano estudei Sociologia e trabalhei trinta anos no ramo. Lamento informar que continuo sem entender.

Radicada no Recife, participei da diretoria da União Brasileira de Escritores e, além de nossas atribuições estatutárias, havia um departamento clandestino: o de Sonhos e Devaneios. O cerne desta pasta irreverente, que se reunia na Livro Sete ou na barraca em frente, era conseguir um terreno, uma casa, um pouso para a instituição. Começamos a procurar deputados que conseguiram nos agendar com o prefeito da cidade. A primeira reunião foi tensa e impactante. A autoridade parecia não acreditar no que ouvia. –Mas uma casa? Vocês estão querendo uma casa? E haja argumento, haja avaliação das dificuldades que enfrentávamos numa sala pequena, num prédio coletivo da FUNDARPE: não podemos promover eventos, não há estacionamento, não podemos ter um jardim... – Mas vocês querem um jardim? - E por que não? Um jardim, sim, senhor.

Depois de muitas deliberações nos ofereceram um terreno na avenida Mário Melo: um triângulo esconso, acho que isósceles, absolutamente impraticável como pouso.

Novas audiências, novos aliados, novos deputados, novas expectativas. Obtivemos a promessa de um terreno em Casa Forte, e na mesma tarde fomos ao local. Havia por trás das grades de ferro um matagal altíssimo através do qual nada enxergávamos, até que um poeta maluco subiu no muro e afirmou categórico: gente, tem um monte de dorso de dinossauro encostado no muro! Nenhum de nós duvidou e alguns começaram a planejar uma atividade cultural usando os bichinhos como atração. Outros, mais sensatos, conseguiram uma escada num restaurante próximo e permissão de entrada na casa vizinha com escada e tudo. Os dinossauros, que pena, eram carcaças velhas, velhíssimas de ônibus.

Vistas do alto da escada pareciam uma vila abandonada. Quem sabe na época das cheias, as famílias fugindo às pressas se arrancharam aqui, coitados. A esta observação, alguém acrescentou: Casa Forte é área de risco, e o Capibaribe passa bem aí atrás.

- Nós não conseguimos ver o terreno, pois o matagal é inacreditável, dissemos pelo telefone ao assessor. – Mandaremos uma equipe para fazer a limpeza no próximo sábado, respondeu solícito.

Tudo acertado, no dia aprazado estávamos lá, a Diretoria em peso, para avaliação da prenda. O mato ia caindo, nós íamos entrando, todos falando ao mesmo tempo: - pise devagar para não estragar a nossa Sede! - Cuidado que pode ter cobra! Mandem buscar umas cervejas para batizar o latifúndio da UBE! – Tem mangueira, carambola, mamão, tomate do miudinho, êpa, êpa, ali tem uma coisa, disse o peão da estrovenga. – É alma? – É dinossauro?

Com a queda dos matos maiores começou a aparecer uma coisa branca, alta, - o que é? – Acho que são ônibus de outra companhia, meio amarelados, calma, calma. – Calma coisa nenhuma, estou já enfartando! – Isto é... Isto é... Isto é... - Ficou gago por que, seu frouxo? – Isto é uma casa! desengasgou. E era mesmo. Sem telhado, sem porta, sem alma. Esta tinha se esvaído no dia da queda do telhado, magoada pelo abandono, pelo descaso, pelo desamor. A casa tinha piso de mosaico, cada cômodo com desenho diferente como era uso antigamente. Eram volutas cinza com vinho, amarelo com azul, uma coisa de deuses.

Apreciávamos cada palmo, retirando a sujeira com a ponta do pé. Na frente havia uma jardineira revestida de azulejos portugueses com vitória-régia em alto relevo, quebrado, é certo, mas que permaneceu em seu devido lugar por ocasião da reforma. Sim, porque recebemos o terreno e o cangaço da casa, que restauramos com doações e colaboração de vários profissionais. Ali tudo renascia, mas no meio da ressurreição houve uma morte anunciada: nascida na sala de visitas entre a parede e o piso uma imbaúba adulta lutava para equilibrar-se, viçosa e altiva. Morreu em prol da cultura pernambucana, e deixou saudades.

Concluída a limpeza, convidamos jornalistas, artistas plásticos, poetas; escritores, promotores culturais e ali, sem que houvesse uma cadeira sequer, cada um foi improvisando um número, uma performance, uma piada, alegria. Com isso a alma da casa foi se chegando, a princípio tímida, depois senhora da festa, e chegou para ficar. Manga, mamão, carambola e tomate, daquela pequenina, que no campo se chama tomate do mato e na cidade tomate cereja, foram servidos aos presentes. Um luxo.

## 2 - A Duna Volante

Muito tínhamos ouvido falar na praia de Jericoacoara, no Ceará. Conheço um rapaz chamado Deco que, infernizado pelo barulho, pela chatice dos estudos, pelas cobranças, pela falta de sintonia com tudo e com todos, foi passar umas férias lá. Tornou-se pescador, vive feliz e tranqüilo, voltar nem pensar. “Lá é um paraíso, nem estrada tem, só se chega por cima das dunas, em carro de tração total.” Para quem gosta de novidade, é atração total.

Conseguimos chegar numa van, cuja tarefa é apanhar forasteiros perdidos nas dunas e levá-los direto ao paraíso. No traslado – em zona de turismo caminho chama-se assim – o motorista discursou sobre as maravilhas da região. Lagoas de águas translúcidas, de cores exóticas, de peixes de inefável sabor. O por do sol, segundo ele, é o mais belo do mundo – dito não por ele, mas por gente de todas as bandas que já passaram por lá. Pousadas caseiras, comida também. Estávamos entusiasmados, até sabermos que as dunas de lá passeiam pelos espaços, devagar e sempre. Tem uma, disse ele, que foi do norte pro sul, de trelosa que era. Nesse momento, caiu sobre os passageiros um silêncio não sei se de medo ou angústia, e o narrador prosseguiu: nas dunas tem muita gente enterrada, gente de canela fina sem força de correr dela. Mas não é de ter medo não, aqui todo mundo é de paz. – A duna também? Alguém perguntou.

A noite foi longa, cheia de temores. Mais ouvíamos as conversas, mais ansiedade era gerada. Indigestão, pesadelo, insônia, cada um com seu achaque predileto.

Pela manhã saímos em grupo para as dunas. Uma leve poeira rolava sobre elas, como se fossem uns algodõesinhos. Mostrei-me curiosa e fui informada, por um guia trilingüe e portanto sábio, ser o movimento das dunas. É permanente, como as marés, ele disse. Olhei para as minhas canelas finas e desejei o colo de minha mãe e um copo de leite morninho. Era uma beleza serena a daqueles lençóis de areia ao longo do mundo, até que avistamos o mar. Uma barraca de palha nos oferecia água de coco e bancos para descanso, feitos com o tronco dos coqueiros que a duna derrubava. As mazelas da madrugada voltaram intensas, os olhares entrecruzando-se. Sobre essa viagem escrevi umas quadras, e repasso agora as referentes ao trecho em foco:

O rumo agora é a praia  
De nome complicadíssimo:  
Jericoacoara, já viu?  
As dunas de tom alvíssimo.

Lá conhecemos Delmira  
E sua história cruel  
De uma cidade enterrada  
Igreja e favo de mel

A casa dela criança  
Era do lado da igreja  
Tiravam areia de dia  
De noite Deus nos proteja!

O pai era apicultor  
E trabalhava feliz  
Até o dia azarado  
Ele fez o que bem quis

Os habitantes partiram

Com o movimento da areia  
O pai resolveu ficar  
Com a família e a colméia

Teimoso como um jumento  
O pai trouxe as coités  
É areia entrando por cima  
Nós empurrando com os pés.

De tanto empurrar areia  
A família se arretou  
Só ficou ele lutando  
Até que tudo findou

A cidade foi mudada  
Para uma plaga distante  
Da velha ficou apenas  
Uma lenda e uma retirante

Um dia algum cavador  
Vai encontrar um cangaço  
De uma cidade bonita  
Da qual eu sou um pedaço

Naquela duna encantada  
Um navio naufragou  
Carregado de ouro e cobre  
Foi Zé Pedro que contou

Delmira narrava tudo  
E eu disse, assustada:  
Tudo isso é importante  
Essa história foi gravada?

Delmira me esnobou  
E disse, com ar bombástico:  
Glória Maria veio aqui  
E eu saí no Fantástico

Fiquei com inveja braba  
Da que dá e não se tira  
Aparecer no Fantástico  
É o sonho de minha vida.

### 3. Paisagismo e Decoração

Nem todos sabem de minha firma secreta porque não tem registro, não paga impostos nem tem funcionários fichados. Mas ela existe, existe sim. A propaganda, por conta das circunstâncias, é feita boca a ouvido. Daí Diogo me contratar para, depois da reforma, eu fazer o seu jardim. Eu conhecia aquelas plantas desde muito, eram belas e viçosas, eu própria as havia plantado e, a tempos regulares, fazia a manutenção.

Como contratada e para fazer com propriedade minha agenda, eu procurava me informar do andamento dos trabalhos. A princípio, Diogo falava alto, claro e com ânimo forte. Depois ele foi esgulepando, baratinando, até que resolvi investigar os fatos.

Lá chegando, fiquei estarecida com o que vi. Havia por toda parte pedaços a concluir: de piso, parede de banheiro, segunda mão de pintura, instrumentos de trabalho, resto de material, metralha e sujeira propriamente dita. Estarecida, olhei para o meu contratante e ele, com ar desolado, falou: eles não sabem terminar, nem eu. Chamei a equipe e informei ser da entidade financiadora. O restante do dinheiro só seria liberado com a obra concluída. Não adianta protestar, ordem é ordem.

A turma foi acometida de um frenesi executivo. Fizeram serão até onze da noite, desocuparam as salas e quartos. A cada dia eu chegava com a cara mais feia e mais mal-humorada. Quando admiti que a obra teria fim, entrei no jardim. No primeiro dia passei mal, ao ver cadáveres por toda parte. Tudo era esbranquiçado e áspero, por mais aveludadas que tivessem sido as folhas e flores. Falamos em viço, brilho, cor viva quando nos referimos a vegetais saudáveis. Nada disso existia ali. Eu lidava com mortos, muitos. Até o cheiro forte das azeitonas caídas do pé me incomodava, era como se eu estivesse num campo santo e só me restasse rezar, e assim o fiz. Rezei contrita para que daquelas raízes e bulbos emanasse um pouco de vida, e fiz minha parte. Injetei adubos, fofei a terra, afaguei sementes, e reguei, com muita ternura, o campo das cores. Neste trabalho encontrei vida: minhocas em movimento, o que me pareceu de bom augúrio.

**Recife, maio de 2006**